

Conversa de Bolsonaro com Macri e Merkel

Jerson Kelman

Ângela – Você tem que compreender, Jair, que o desmatamento da Amazônia é um assunto de interesse global. Não diz respeito apenas aos brasileiros.

Macron – A Ângela tem razão. Assim como o plantio de florestas é uma maneira eficaz de absorver o CO₂ da atmosfera, o desflorestamento, no sentido contrário, é uma atividade que acelera as mudanças climáticas, com consequências deletérias para toda a população da Terra.

Ângela - Poderíamos transformar o limão numa limonada: não quero ser desrespeitosa, mas é sabido que o Brasil tem extensas áreas de pasto degradadas que poderiam ser objeto de um ambicioso projeto de reflorestamento. Trata-se de um serviço ambiental que nós, países com pouca viabilidade para executar o nosso próprio reflorestamento, deveríamos pagar ao Brasil e a outros países com características semelhantes.

Macron – Li recentemente no Guardian um artigo que descreve o trabalho de cientistas suíços, publicado na revista Science, que está em sintonia com a proposta da Ângela. Os autores mapearam a superfície da Terra em busca de áreas nas quais seria possível plantar árvores. Deixaram de fora as zonas urbanas e as com atividade agrícola. Chegaram à conclusão que cerca de 1 bilhão de hectares de superfície sem árvores poderia ser convertida em florestas. Supondo mil árvores por hectare, ou seja, 10 metros quadrados por árvore, seria teoricamente possível plantar 1 trilhão de árvores. De acordo com os cientistas, um programa mundial de plantio dessas proporções removeria dois terços de todas as emissões que foram bombeadas para a atmosfera por atividades humanas desde o início do processo civilizatório.

Ângela – Esse é um exercício teórico. Na prática seria impossível plantar tantas árvores. Mas, como disse antes, talvez pudéssemos iniciar com as pastagens degradadas do Brasil. Meus assessores dizem que há da ordem de 100 milhões de hectares nessas condições. Ou seja, 10% do total que seria necessário. É pouco, mas não é insignificante. Supondo o modesto custo de cinquenta centavos de dólar por árvore plantada e um programa de plantio que durasse dez anos, estamos falando da criação de cerca de 1

milhão de empregos de baixa qualificação e de uma receita anual da ordem de 5 bilhões de dólares. Ou seja, quase 200 bilhões de reais ao longo dos 10 anos.

Jair – Antes de avançarmos nessa conversa, deveríamos testar a viabilidade da mútua colaboração entre países desenvolvidos e em desenvolvimento para retardar as mudanças climáticas. Minha proposta é que os países desenvolvidos – os membros da OECD, por exemplo – passem sem maiores delongas a misturar o álcool de cana à gasolina utilizada pelos automóveis numa proporção álcool-gasolina de 20-80, como já fazemos no Brasil desde a década de 70 do século passado.

Ângela – Parece uma boa ideia, mas, muito francamente, será difícil convencer os meus compatriotas a depender tão intensamente da produção agrícola brasileira.

Jair – Vocês preferem depender do petróleo árabe e do gás natural da Rússia? Ademais, o Brasil não tem pretensão de ser o único fornecedor de álcool de cana. Pelo contrário, estamos dispostos a colocar a EMBRAPA – nosso excelente centro de pesquisa agrícola – à disposição dos demais países tropicais, principalmente da África, que também queiram se tornar grandes produtores de cana. O etanol poderia se tornar em commodity intensamente comercializada, possibilitando que países hoje dependentes da caridade dos ricos escapem dessa situação pela rota da produção e do comércio.

Macron – Faz sentido destinar área agricultável para a produção de combustível em vez de alimentos?

Jair – Se é possível e desejável transformar pastos degradados em florestas, por que não em plantações de cana de açúcar?

Essa conversa de gente grande não ocorreu. O que se viu no encontro do G-20 foi uma troca de “gentilezas” entre o presidente Bolsonaro e os líderes da Alemanha e da França. Claro, o tratado entre a Comunidade Europeia e o Mercosul foi um importante resultado, fruto de muitos anos de negociações. Mas seria possível avançar mais. Pena!

Jerson Kelman é professor da COPPE-UFRJ

Publicado em O Globo Online, 22/07/2019